

DADOS UFES MOSTRA O PERFIL DOS ALUNOS APROVADOS NO ÚLTIMO VESTIBULAR, ALÉM DOS QUE SE INSCREVERAM, MAS NÃO CONSEGUIRAM PASSAR

Estudante de escola pública é minoria em universidade

Eles são menos encontrados nos cursos mais concorridos e com dedicação maior

ELISANGELA BELLO
 ebello@redgazeta.com.br

Cursar uma universidade pública é uma missão difícil e, às vezes, frustrante para quem vem de escola pública no Estado. Minoria diante dos que vêm de escolas particulares, eles são menos encontrados ainda nos cursos mais concorridos e que exigem uma dedicação maior nos estudos, com um índice de apenas 38,2%.

Os dados, divulgados ontem, são da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e mostram o perfil dos estudantes aprovados no último vestibular, além dos que se inscreveram, mas não conseguiram passar.

Se entre os 1,8 mil estudantes aprovados 59,5% fizeram todo ou quase todo o ensino médio na rede particular, entre os

alunos do curso de Medicina, por exemplo, o percentual passa a ser de 88,5%. O mesmo acontece com outros nove cursos considerados mais concorridos, como Odontologia (78,3%), Farmácia (82,5%) e Direito (81,8%).

Do outro lado da universidade, dividida entre ricos e pobres, estão os alunos que cursaram a maior parte do ensino médio ou todo ele na rede pública. No curso de Biblioteconomia, por exemplo, eles são 74% dos ingressantes e se man-

tém como maioria em História, Pedagogia e Agronomia.

A pesquisa também mostrou o percentual de brancos, pardos e negros entre quem tentou e quem conseguiu passar no vestibular. Os números não estão distantes do que aponta o IBGE, no Censo de 2000 do Estado, mas o percentual de brancos é de 54,6% e o de negros, 5,9%.

Para um dos coordenadores do projeto Universidade Para Todos, o professor Rodrigo Trazzi, a pesquisa comprova

“o sistema excludente de acesso às federais”, já que nos cursos mais concorridos os alunos da rede pública não conseguem aprovação.

“O número de alunos que sai do ensino médio público é muito superior ao dos que saem da rede particular. O mais grave de tudo é que a sociedade está perdendo pessoas de talento, mentes brilhantes, excelentes profissionais, por falta de oportunidade”.

O polêmico sistema de cotas para afro-descendentes e

indígenas deveria, segundo o professor, ser substituído por cotas para quem vem da rede pública, por curso. “Seria uma solução a curto prazo, aliada às bolsas para os que não tivessem condições de manter os estudos”, sugere.

A Ufes não é um sonho distante só para alunos da rede pública, mas para os que vivem no interior, segundo o professor Gutemberg Brasil, coordenador da pesquisa: 81,5% dos que foram aprovados são de cidades da Grande Vitória.

O NÚMERO

78,6% 38,2%

Este é o percentual de alunos vindos da rede pública que concluíram o ensino médio em 2004, segundo dados do Censo Escolar, repassados pela Secretaria Estadual de Educação (Sedu). Ao todo são mais de 30 mil estudantes. Da rede privada, saíram do ensino médio 8,9 mil alunos.

Este é o percentual de alunos vindos da rede pública que conseguiu ingressar na Ufes, no último vestibular, realizado no final do ano passado, segundo dados da pesquisa que traça o perfil dos estudantes que tentaram e que conseguiram ser aprovados.

Deficiência vem do ensino fundamental

A assessoria de imprensa da Ufes informou que a dificuldade no acesso dos estudantes da rede pública aos cursos oferecidos pela universidade se dá pelas deficiências do ensino fundamental. Sobre o fato dos estudantes ingressantes da rede pública se concentrarem nos cursos noturnos e menos concorridos, pela necessidade de estudar e trabalhar ao mesmo tempo, a Ufes informou que o Governo federal não tem uma política de fornecimento de bolsas para alunos que não tenham condições financeiras para se dedicar exclusivamente aos estudos. O mesmo vale para aqueles que vêm do interior do Estado, e mesmo que fossem aprovados não teriam condições de se manter na Capital. O problema está sendo discutido, segundo a assessoria, entre os itens da Reforma Universitária, como uma política nacional a ser adotada pelo Ministério da Educação, mas ainda não há nada definido sobre o assunto.

SAIBA MAIS

■ **Escola particular.** Cursos com maior percentual de alunos que cursaram o Ensino Médio, todo ou a maior parte, em escola particular:

- Medicina (88,5%)
- Farmácia (82,5%)
- Direito (81,8%)
- Comunicação Social (80%)
- Engenharia de Computação (80%)
- Zootecnia (79,2%)
- Odontologia (78,3%)
- Ciências Econômicas (75,3%)
- Química (75%)
- Enfermagem (74,6%)

■ **Escola pública.** Cursos com maior percentual de alunos que cursaram o ensino médio todo ou a maior parte em escola pública:

- Biblioteconomia (74%)
- Educação Física - São Mateus (73%)
- História - Noturno (72%)
- Pedagogia - Noturno (70%)
- Arquivologia (62,5%)

“Meu sonho é a medicina” “Fiz cursinho comunitário”



TRISTEZA. “Não gosto nem de tocar nesse assunto, mas meu sonho era fazer Medicina. Sei que não tenho condições para passar. Tem matérias que estão sendo dadas agora no projeto, que deveriam ser revisão, mas estou vendo pela primeira vez”. É assim, com um misto de realismo e frustração, que a estudante Danielle Mendes Pereira, de 19 anos, encara a sua escolha, de prestar vestibular no final do ano para Ciências Biológicas, e não para Medicina, como queria. Enfrentando a segunda tentativa para entrar na Ufes, ela sabe da diferença de preparo entre os que vêm de escolas públicas e os alunos de escolas particulares. FOTO: EDSON CHAGAS

ESFORÇO. No último ano do curso de Biblioteconomia, a estudante e auxiliar administrativa Sandra Mara Borges Campos, de 27 anos, relembra o quanto teve que se empenhar para chegar ao final do curso, já que não podia deixar de trabalhar. “Fazia dois estágios e ainda voltava para cá à noite. Foi difícil chegar até aqui, fiz dois vestibulares, e só consegui depois de passar por um cursinho comunitário”, conta. Sobre a política de cotas, proposta pelo governo Federal, ela é direta. “Sou a favor, para diminuir as diferenças que são grandes, mas não por cor, e sim por renda. Além disso, precisam fortalecer o ensino médio público, para que todos tenham mais acesso”.



“A gente aprende mais”



SEM DIFERENÇA. Estudantes de Direito, um dos cursos mais concorridos da Ufes, vindos de escolas particulares e aprovados no último vestibular, os jovens Carlos Eduardo Limonge e João Filipe Casagrande Morelato chegaram a freqüentar uma faculdade particular, mas depois do resultado, optaram pelo curso gratuito. Eles esperavam, porém, encontrar uma turma de calouros de poder aquisitivo mais variado do que a turma deixada na particular. Se enganaram. “É a mesma coisa. Fiquei decepcionado, acho que convivendo com pessoas de meios diferentes, a gente aprende mais”, afirmou Morelato. Limonge, que também é contra as cotas, diz que a solução seria investir mais no ensino público.

Universidade para Todos é outro vestibular

Programa, uma alternativa para alunos carentes, acaba sendo segunda seleção

Cada vez mais procurado pelos estudantes da rede pública como um meio gratuito e eficaz para chegar ao curso superior público, o programa Universidade Para Todos, está se tornando também uma espécie de vestibular. No ano passado, 7,6 mil alunos passaram pela seleção para conse-

guir uma das 1,8 mil vagas. A procura, segundo um dos coordenadores do programa, Rodrigo Trazzi, demonstra a credibilidade do curso, mas ao mesmo tempo, reflete uma “tragédia social”. “Eles acabam passando por duas seleções para chegar ao ensino superior. Temos muitos alunos que pas-

sam numa segunda tentativa. O nosso aluno só vai ter acesso a várias informações oito meses antes do vestibular”, disse. Na dúvida se tenta o vestibular para Direito ou para Serviço Social, a estudante Débora Botin Nascimento, de 19 anos, aluna do Universidade Para Todos, confirma que a incerte-

za não está na aptidão, mas se vai ter ou não condições de atingir pontuação suficiente. Na segunda tentativa, a estudante Maralice Cesar Mendes, 19 anos, diz que ao invés das cotas, o Governo deveria investir no ensino público. “A diferença é muito grande em relação às particulares”.

(70%)
 ■ Arquivologia (62,5%)
 ■ Geografia - Noturno (62%)
 ■ Agronomia (62%)
 ■ Física - Noturno (62%)

PERFIL

■ **Escola particular.** A maioria dos universitários aprovados no último vestibular, 59,5%, fizeram o ensino médio, todo ou quase todo, em escolas particulares

■ **Preparo.** Apenas 31,9% declararam não ter feito cursinho para entrar na universidade

■ **De primeira.** Só 15,9% conseguiram passar, já no primeiro vestibular

■ **Metropolitana.** 81,5% dos estudantes aprovados moram na Grande Vitória. A segunda região com maior número de universitários é a de Linhares, com 3,1% dos aprovados

■ **Escolha.** Questionados sobre o que os motivou na escolha do curso, 3,4% afirmaram que foi o fato dele ser “oferecido em horário noturno”

■ **Cotas.** O percentual de pessoas que se declararam negras, e que participaram do último vestibular foi de apenas 8,4%. Entre os que conseguiram passar, o percentual ainda é menor: 5,9%

■ **Informação.** A televisão ainda é a principal fonte de informação para 53% que conseguiram passar no VestUfes 2005. Em segundo lugar, mas com um percentual bem menor, 17,5%, vêm os jornais

■ **Na casa dos pais.** 71,1% dos ingressantes “não exercem atividade remunerada”. A maioria dos aprovados também é sustentada pela família: 73,8%